



Que caráter seu  
personagem  
tem?

Mag Brusarosco

## UM RECADINHO!

Olá, escritor(a).

Espero que goste deste guia rápido sobre criação de personagens que preparei com todo carinho para dividir com você. Talvez me conheça pelo trabalho de consultoria que presto à Vivendo de Inventar na Hardcover – The Academy Storytelling, ou então, pode ser que me acompanhe pelas redes sociais. Talvez ainda, você nem me conheça e esse seja o nosso primeiro contato! E é por isso mesmo que preciso

te contar uma coisa importante: este material foi preparado para quem ama escrever por alguém que ama escrever! Nele, há um pouco do conhecimento e da experiência que adquiri ao longo destes anos trabalhando como escritora, revisora, e fazendo análise e leitura crítica das obras de diversos autores que me procuraram, por meio da Brainstorming Literária, minha agência dedicada à escrita consciente.

Tudo o que está nas próximas páginas foi pensado para estimular o seu processo de criação de personagens, para que você possa refletir sobre o que faz uma pessoa imaginada ser inesquecível. Adianto a você que não é nada além do “humano” que fará a magia acontecer. Afinal, mesmo o mais polêmico dos personagens se torna irresistível quando bem trabalhado!

Desejo uma ótima leitura!

# SUMÁRIO

- 03** Uma breve reflexão sobre a escrita
- 06** Vamos desvendar a magia dos personagens?
- 11** Então, quer saber como se monta um bom personagem?
- 18** A alma do personagem

## UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A ESCRITA

Se você quer escrever saiba de uma coisa muito importante: para isso, acima de tudo, é preciso coragem e paciência, muita paciência. Pois, arrisco dizer, talento é apenas uma parte da história. Neste sentido, vale a pena esclarecer que algumas pessoas nascem com o dom da escrita – como outros nascem com uma voz afinada para música e canto, com facilidade de raciocínio lógico, com uma imensa inclinação artística, ou ainda com um olhar sensível para a fotografia. São todos dons e cada um tem o próprio. Contudo, preciso te contar que

apenas talento não fará de você, necessariamente, um sucesso. Veja, embora ter “jeito para escrever” seja algo importante (muito importante na verdade), isso não passa do início. Porque, para se desenvolver para além do talento, é preciso que você se empenhe em melhorar aquilo que você já é.

Vou te contar uma história que talvez você já conheça: Stephen King, o mestre do terror, colecionava os “nãos” que recebia colados a um prego na parede de sua casa, até ter sua primeira oportunidade de ser publicado, segundo ele mesmo relata no livro “Sobre a escrita” (Suma de Letras, 2015).



Ora, uma das lições que podemos tirar aqui é: mesmo com tanto talento (caso do senhor King) é preciso ter paciência (olha ela de novo) para insistir em se melhorar.

*Algumas pessoas nascem com o dom da escrita – como outros nascem com uma voz afinada para música e canto, com facilidade de raciocínio lógico, com uma imensa inclinação artística, ou ainda com um olhar sensível para a fotografia.*

Mas, paciência não é tudo: é preciso também ter disciplina. E isso não significa apenas sentar e escrever todos os dias, com hora marcada. Por favor, não entenda como se isso não fosse positivo (porque é). O que quero dizer é: ninguém fica

bom apenas por ter uma rotina de trabalho, especialmente na escrita. Mesmo diante do ditado “a prática leva à perfeição”, é preciso lembrar que existe algo mais no ofício de escrever. Ou seja, além de um bom português, para sermos capazes de enfeitiçar quem entra em contato com nossas histórias, é preciso tocarmos nas profundezas da alma de quem lê. E isso, vou te contar, acontece quando bons personagens dão vida para uma história. Mas ok, você pode estar se perguntando agora: como eu faço isso?! Pense comigo: cada detalhe do mundo é (ou pode ser) uma fonte de inspiração, não é? Portanto, não devemos jamais ignorar o dia-a-dia acontecendo no ponto de ônibus, no metrô, na fila do banco, enquanto sua avó cozinha ou sua mãe assiste novelas. Não se esqueça: tudo que é feito por gente como a gente é uma fonte de histórias!



Enfim, se você quer escrever, antes de tudo, procure ver o que há no mundo ao lado. E claro, sempre que puder, procure por outros mundos também! Afinal, é dito por quem chegou ao sucesso que escrever começa (e continua) pela leitura de incontáveis livros. Isso mesmo, “incontáveis livros”! Então, se você já não é um leitor “daqueles” mude isso para ontem!

Mas não leia apenas os seus favoritos, certo? Se desafie, busque além de sua “zona de conforto”. Inclusive, ler outras coisas como livros “técnicos” sobre escrita (tipo esse guia rápido) é importante e bem-vindo para que você possa ir muito além do seu talento. Aliás, cada leitura oferta um aprendizado único, mesmo que seja do que não fazer!

## VAMOS DESVENDAR A MAGIA DOS PERSONAGENS?

Pare e pense: quais livros você carrega para todo o lado ou tem na cabeceira de sua cama? (Estou torcendo para que a lista seja grande!) Agora, se pensar em livros está difícil, vou te ajudar. Adicione nesta lista filmes, HQs, desenhos, peças teatrais e por aí vai. Quais deles você revisita todos os anos ou pelo menos de vez em quando? E por que faz isso? Eu sei que você deve ter pensado “porque eu gosto”, mas, será que não tem “algo a mais”?

Enquanto pensa talvez se dê conta que junto da lembrança deve ter vindo algum personagem marcante. Ou, ao menos, uma cena em que algum personagem fez algo de marcante, não é? Em ambos os casos, “marcante” é a palavra-chave. E você sabe o porquê? Te digo: o autor criou esse “elemento marcante” durante a elaboração da história com um propósito certo: mexer com você! Agora, você saberia dizer como é que se faz? Te adianto que tem relação com a forma como um bom personagem é feito. E isso, posso te garantir, começa pela escolha de uma característica única, marcada na alma dessa pessoa imaginada. Para facilitar, vamos aos exemplos!

Mesmo que você não tenha lido Machado de Assis ou Clarice Lispector (o que é quase um crime literário inafiançável), deve conhecer ou já ter ouvido falar de Capitu, esposa de Bentinho, do livro “Dom Casmurro” ou Macabéa, de “A Hora da Estrela”?

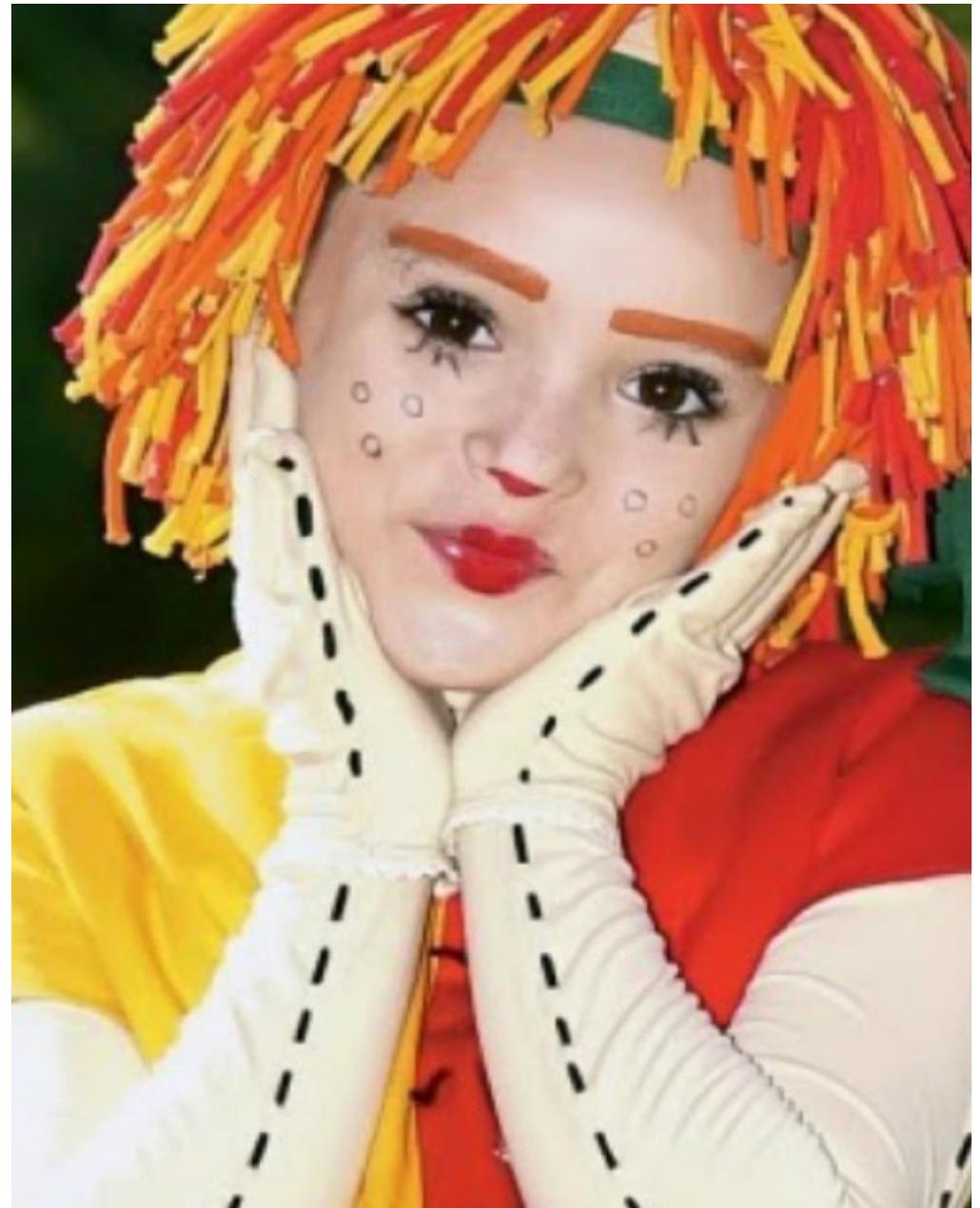


DOM  
CASMURRO  
MACHADO DE ASSIS

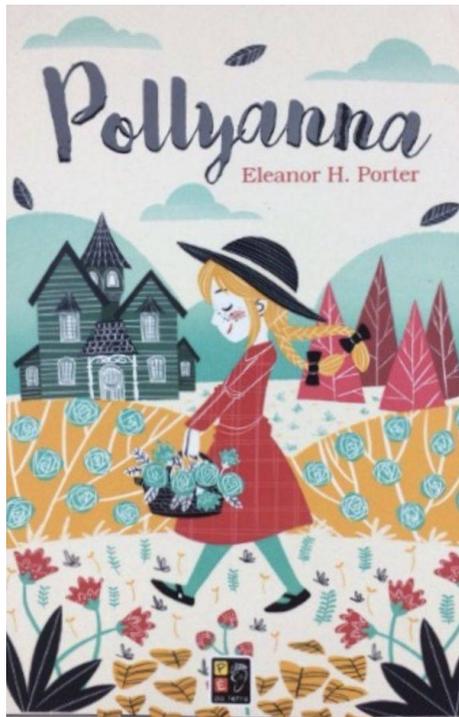
E Iracema, do livro homônimo de José de Alencar, a “famosa virgem dos lábios de mel”?

Tudo bem. Pode até ser que não conheça nenhum deles. Agora, acho bem difícil que você nunca tenha ouvido falar de um certo Capitão Rodrigo, da série “O tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo. Ele é um personagem valente, que faz parte de um livro ambientado na revolução farroupilha - o que faz muita gente acreditar que tenha realmente existido. Incrível, não?!

Certo, realmente, talvez nenhum deles seja conhecido seu) o que seria uma pena). Que tal então a boneca Emília, de “O sítio do Pica-pau Amarelo”, de Monteiro Lobato? Você teve infância, não é? E não vale dizer que isso não era do seu tempo. Porque, além de mais de uma adaptação do sítio para TV, existe a Internet! A espetada boneca de pano ainda é, provavelmente, o melhor personagem da literatura juvenil brasileira, ambientada no universo mágico de Lobato.



Que tal navegar por outros mares? Saindo um pouco do Brasil, na literatura estrangeira podemos citar a otimista e muitas vezes “desprezada” Pollyanna, de Eleanor H. Porter. Ela vê sempre o lado positivo das coisas e tenta ajudar a todos, mesmo sendo uma menina de 11 anos que já passou por muitas coisas ruins na vida. Sua positividade virou uma filosofia de vida para muita gente!



Outro clássico inesquecível (e obrigatório se você está colecionando “não conheço”) é “O conde de Monte Cristo”. Você já deve ter ao menos ouvido falar da história dramática de Edmond Dantes, que virou até filme! Condenado por um crime que não cometeu, ele perdeu a noiva, foi traído pelo melhor amigo, abandonou a fé, foi humilhado e açoitado enquanto estava preso, ficou encarcerado durante décadas. Todos os dias ele planejava sua vingança. E nós, leitores e expectadores, sofremos com ele e também vibramos quando começou seu grande acerto de contas!

Outro personagem clássico que faz corações suspirarem é Mr. Darcy, de “Orgulho e preconceito”. Inicialmente ele é arrogante e antipático, não dança com ninguém no baile e é cheio de “preconceitos”, porém com o desenvolvimento da narrativa, demonstra o quanto pode ser adorável, gentil e romântico, ao apaixonar-se por uma mulher de nível social mais baixo. Lembrando que o famoso romance de Jane Austen foi publicado em 1813!

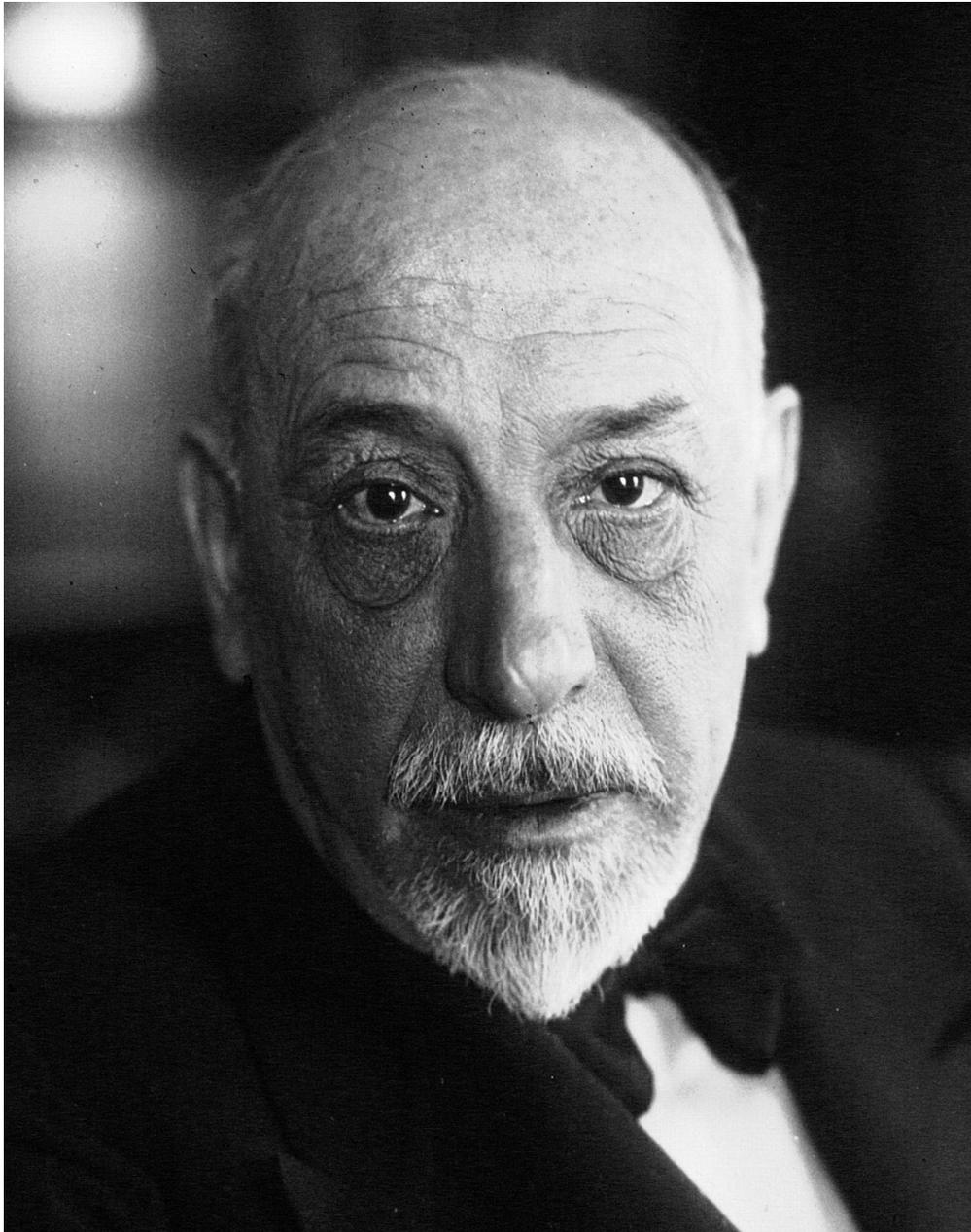
Veja, essa lista poderia não ter fim. E, mesmo que nenhum desses personagens que citei tenha sido marcante para você, tenho certeza que guarda os seus próprios. Pois, bons personagens de alguma maneira se tornam especiais e inesquecíveis para nós. E isso significa dizer que: alguma coisa neles nos encantou, gerou empatia, admiração ou inspiração. Talvez até nojo ou desgosto. Independente do motivo, aquilo que sempre irá chamar a atenção do leitor atento (espectador também vale) quando em contato com um personagem é: verossimilhança. Ou seja, tal como digo no título do guia “Que caráter seu personagem tem?”. Inclusive, não importa se a história é realismo, fantasia ou ficção científica: bons personagens sempre têm traços que nos fazem acreditar que eles poderiam realmente ser pessoas reais!

*Bons personagens sempre têm traços que nos fazem acreditar que eles poderiam realmente ser pessoas reais!*

Por isso mesmo, dificilmente nos identificamos com os extremos: afinal, quem de nós é 100% bom ou 100% ruim? Perceba que personagens feitos assim nunca parecem reais. É preferível aqueles que têm em si um pouco de cada coisa, por mais que estejam em um dos “lados” ao longo da narrativa.

Quando você decide escrever uma história tem que definir “quem é” ou “quem são” os personagens pelos quais você irá contar “o que acontece”. No momento de criá-los, será preciso que você escolha algumas características físicas e emocionais deles. Ou seja, será preciso moldar o seu personagem.

*Aquilo que sempre irá chamar a atenção do leitor e espectador atento quando entra em contato com um personagem é a verossimilhança. Ou seja, qual o caráter desse personagem. Quem ele realmente é?*



Luigi Pirandello, um dramaturgo italiano do século XX, dizia que: “todo o fantasma, toda a criatura de arte, para existir, deve ter o seu drama, ou seja, um drama do qual seja personagem e pelo qual é personagem. O drama é a razão de ser do personagem; é a sua função vital: necessária para a sua existência.”

Concorda ou discorda? Não se preocupe em responder agora. Guarde sua “visão” até o fim e veja se ela muda com o que vem pela frente!

## ENTÃO, QUER SABER COMO SE MONTA UM BOM PERSONAGEM?

Alguns escritores definem seus personagens antes mesmo de saber qual será o enredo que os envolve e, posteriormente, criam a história com base neles. Outros decidem qual será o enredo para depois pensar e definir quais personagens habitarão aquela história. Pode até parecer estranho, mas isso é relativamente comum e segue de acordo com cada autor. Vale destacar que tal “ordem” não traz qualquer prejuízo à história. Escolher uma maneira ou a outra é apenas um critério de quem cria.

Muitos escritores começam suas histórias com a ideia principal e as primeiras anotações soltas. Outros tantos gostam de traçar já nos primeiros rascunhos o resumo daquilo que será escrito depois, em cada capítulo. Ainda existem aqueles que procuram detalhar cenas importantes para que as ideias não sejam esquecidas. Há claro, também, quem faça uma mistura de tudo isso. No fim, existem inúmeros métodos de escrever e nenhum deles é certo ou errado por si só. Embora, observe que ter algum critério para organizar a sua história, ou mesmo sua escrita, é algo que facilita a execução do trabalho textual.

De uma maneira ou de outra, em algum momento, independentemente do método (ou ausência dele), será preciso escolher quem protagonizará essa história, não é? É nesse momento que o personagem surge (ou ressurge) para ser moldado por você, e assim dar vida ao próprio drama. Deste

momento em diante o autor(a) tem sua mente ocupada por essa pessoa imaginada. Ele(a) dorme e acorda pensando em sua criação. Cada detalhe daquele ser, que em algum momento vai habitar o imaginário de seus leitores, passa a ter suma importância.

Agora, você já passou pela sensação de achar que o personagem que criou está ruim ou raso sem saber um por quê? Eu já. E posso te dizer que isso costuma acontecer precisamente porque não definimos com clareza quem o personagem é. Ou seja, não evidenciamos a “índole” ou o “gênio” que marca sua personalidade. Se, por exemplo, você imaginou seu personagem como inseguro ou invejoso é preciso mantê-lo nesta mesma caracterização ao longo de toda a narrativa apresentada. É muito importante ser fiel às atitudes de alguém com essa característica, ainda que no desfecho ele seja capaz de superar sua “marca”, seu drama. Imagine que seu personagem é alguém que tem medo de tudo.

Faria sentido que no início da história ele caminhasse sozinho, sem preocupação, por um beco escuro em uma cidade perigosa? Não mesmo! Talvez, como eu disse antes, ele possa até superar seu medo. Mas, se isso já ocorre logo no início, sobra o que para contar?!

Em uma de suas muitas aulas espetaculares, o saudoso Ariano Suassuna disse que: “tudo aquilo que é ruim de passar é bom de contar”. Guarde com carinho esse conselho de um dos mestres da literatura nacional!

*Tudo aquilo que é ruim de passar é bom de contar”. Ariano Suassuna*

Bom, que tal mais alguns exemplos de personagens antes de avançarmos? Desta vez, para mudar um pouco, vamos passear pelo audiovisual!



Pensem no filme “Um sonho de liberdade”. Roteirizado e dirigido por Frank Darabont, é produto da adaptação do primeiro conto extraído do livro “Quatro Estações” de Stephen King. Tanto no livro quanto no filme, o personagem Andy Dufresne (Tim Robbins) é apresentado pelo olhar do personagem coadjuvante “Red” (Morgan Freeman). “Red” narra suas impressões sobre Andy a partir do que observa nele durante a rotina dentro da prisão. Ele não sabe nada da história de Andy antes da condenação e, pelo convívio e relacionamento de amizade que estabelecem durante o filme, cada vez mais fica intrigado com o fato de Andy ser um assassino.

Agora pensem no filme “O silêncio dos inocentes”. A protagonista é Clarice Starling (Jodie Foster), uma das melhores estudantes da academia de treinamento do FBI. Na história ela tem a difícil missão de entrevistar o Dr. Hannibal Lecter (Anthony Hopkins), um psiquiatra brilhante e também um psicopata violento, que cumpre prisão perpétua por vários atos de assassinato e canibalismo. Clarice está investigando um serial killer e Lecter pode ajudá-la a desvendar quem ele pode ser. Todas as cenas entre os dois são muito tensas. Embora Lecter esteja preso, a impressão que o espectador e a própria protagonista tem é que ele pode saltar sobre ela a qualquer momento, mesmo através das grades.



Agora, não vamos nos esquecer dos personagens secundários, certo?

Na cerimônia do Oscar, por exemplo, há premiação para melhor diretor, melhor ator e atriz, e há também premiação para os melhores atores coadjuvantes. Muitas vezes, inclusive, vemos filmes indicados apenas pela qualidade de atuação dedicada aos seus personagens coadjuvantes. E isso, por sua vez, nos permite pensar em duas coisas:

A primeira: todo personagem é importante para a narrativa que está sendo contada. Logo, não apenas o protagonista precisa ser trabalhado com atenção e empenho, mas também aquele que faz parte e ajuda a compor a estrutura narrativa da história.

A segunda: o personagem secundário muitas vezes é aquele que dá força ou coloca o protagonista em evidência. Sem ele, o protagonista não seria exatamente o que é para quem se encanta com aquela história. Lembre-se que mesmo uma bola de vôlei pode fazer seu papel! Pergunte para Chuck Noland (Tom Hanks) de “Náufrago” e verá que a bola “Wilson” foi importantíssima para fazer o personagem acontecer!



Quer ver como um personagem secundário pode encantar?

Em 2010, Christoph Waltz venceu o Oscar de melhor Ator Coadjuvante. Levou o prêmio de Melhor Interpretação Masculina em Cannes, e faturou o Globo de Ouro por sua atuação como Coronel Hans Landa em “Bastardos Inglórios”, de Quentin Tarantino. Waltz fez um vilão irascível e assustadoramente verdadeiro que marcou crítica e público. Claro que o roteiro de Tarantino soma à interpretação impecável de Waltz. E por isso mesmo, reforça a ideia que também é preciso investir tempo nos personagens secundários.



Bom, mas que tal algumas ideias para te ajudar a chegar lá?  
Leia os itens abaixo e veja se eles não ajudariam a montar seu personagem na história.

# Construa uma identidade bem definida (Capitu, John Wick, Cersei Lannister, O menino maluquinho, Carminha: isso mesmo, aquela da novela).

# Faça com que essa identidade seja definida por uma característica fácil de ser reconhecida, a “marca na alma” (Jamie, de “Um amor para recordar” aceitou que vai morrer e não quer ter raiva de Deus por isso – compreensiva. Amy Dunne, de Garota Exemplar, deixou pistas dúbias em seu diário para incriminar o marido que a traía – manipuladora. A mulher do médico em “Ensaio sobre a Cegueira” doa-se exaustivamente para ajudar os infectados com a cegueira branca - altruísta).

# Dê um objetivo claro (salvar o mundo, cuidar de uma pessoa doente, destruir um artefato mágico, sobreviver a uma ilha deserta). Afinal, o que está em jogo?

# Deixe a tarefa parecer muito difícil, quase impossível (um pequeno e indefeso hobbit deixa o Condado onde vivia tranquilamente para ir com seus amigos até a Montanha da Perdição para destruir Um Anel muito poderoso).

Não seria tão difícil se essa missão fosse dada ao Super Homem ou Thor, não é?

# Faça com que essa “marca na alma” atrapalhe as coisas. Afinal, quem de nós não precisa superar a si mesmo para poder chegar onde deseja?

Além desses elementos, existem alguns outros fatos sobre personagens que valem ser registrados para que você possa sempre tê-los em mente, ou mesmo voltar aqui para consultar sempre que precisar. São eles:

# Um personagem pode não ser uma pessoa. Animais, fantásticos ou não, fictícios ou sobrenaturais. Robôs, inteligências artificiais, objetos, delírios, etc. Tudo vale desde que faça sentido na história que você deseja contar. Só não se esqueça que, mesmo fora do padrão, é preciso investir tempo para seu desenvolvimento. Talvez até mais que em personagens tradicionais (humanamente falando).

# Os personagens vivem na sua história para que você possa contá-la.

# São os personagens, por meio de suas ações, que movem a história.

# Personagens resistem a mudanças tão firmemente quanto nós, pessoas reais!

# Quase nunca o que seu personagem quer (desejo) corresponde ao que ele de fato precisa.

# O personagem revela quem ele realmente é por meio das escolhas que faz (ou deixa de fazer) quando sob pressão, em situações de estresse.

Por fim, algumas dicas para você, autor(a):

# É importante entender que, a princípio, o personagem só existe na ficção e na representação mental do autor, ganhando forma no imaginário dos leitores assim que são apresentados. Por isso, entendê-los e bem representá-los é importante para que as pessoas se apaixonem por sua história.

# Entregue aquilo que foi prometido. Se seu personagem abre a história sendo inseguro, não o torne a representação maior da autoconfiança do nada! Lembre-se: nem eu, nem você somos assim.

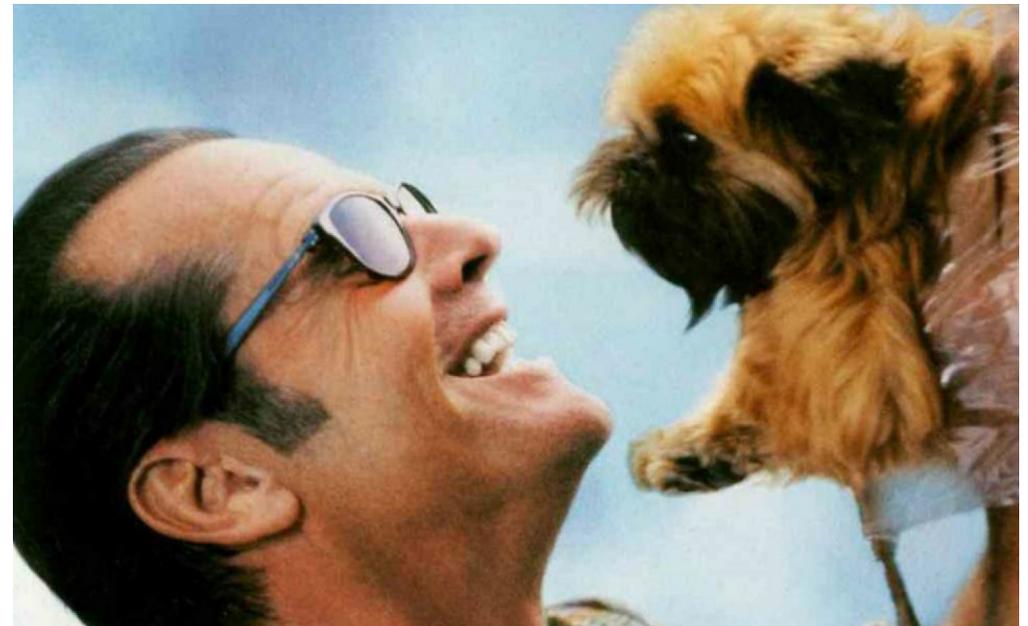
# Procure pensar como você gostaria que as pessoas vissem seu personagem. Será que vão simpatizar com ele? Talvez sim, talvez não. Entre o público pode existir fortes tendências, mas dificilmente unanimidades. Isso significa que nem sempre o resultado que você quer irá ocorrer. Porém, vale lembrar que muitas vezes queremos que as pessoas fiquem pelo menos pensativas. Afinal, quantos personagens polêmicos se tornam inesquecíveis (Capitão Nascimento de “Tropa de Elite”, Walter White de “Breaking Bad”, Arthur Fleck em “O Coringa”).

Então, faz sentido? Ainda interessado(a) em saber mais de como tornar um personagem único? Na próxima parte do guia irei te mostrar o “núcleo” da caracterização e darei alguns exemplos mais aprofundados. Bora continuar?

## A ALMA DO PERSONAGEM

Todos nós conhecemos pessoas que se destacam por alguma característica de sua personalidade. Algumas são muito generosas, outras ansiosas; há aquelas estressadas, mal-humoradas, irritantemente organizadas e assim por diante.

Na literatura não é (nem deve ser) diferente.



Quando um personagem se torna especial, inesquecível, significa que alguma coisa nele nos atraiu, gerou empatia, admiração, raiva ou desprezo. Coisa essa que, arrisco dizer, parte normalmente desse traço característico, dessa “marca na alma”, como me referi anteriormente.

Lembre-se sempre que “histórias são sobre alguém fazendo alguma coisa”. Esse alguém é o personagem que nem sempre

precisa ser humano. Mas ainda assim o leitor precisa se identificar ou ser cativado por esse personagem. Pois ele é o veículo pelo qual o leitor se conecta a sua história.

E, todo personagem deve querer alguma coisa (lembra do objetivo claro?), nem que seja apenas um copo d'água. Imagine o leitor se perguntando: "afinal, porque estou lendo essa história?". Essa mesma pergunta deve ser feita por você, autor, antes de começar a desenvolver a narrativa. O sucesso da sua história depende, antes de mais nada, do quanto o público (o seu público) se identificará com os personagens (e dramas) que você criou.

Outra coisa muito importante são as nossas referências pessoais. Não se limite a criar personagens reagindo como você reagiria. No momento de criar situações e conflitos seja ousado. Parte da graça de escrever ficção é habitar além de nossas próprias vidas. Pode até parecer difícil, mas com a

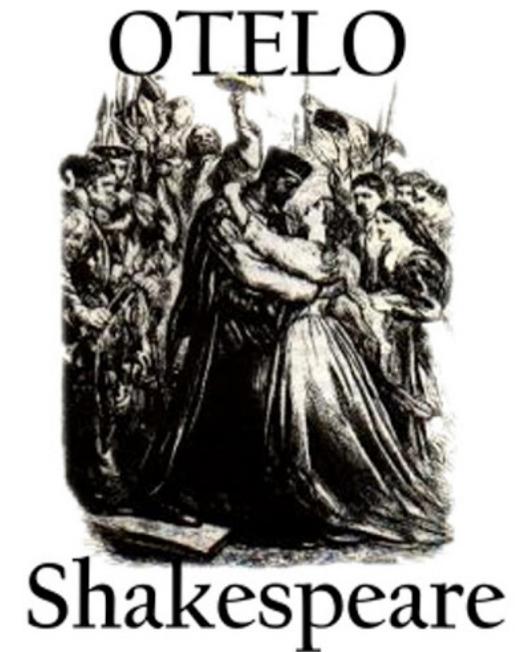
prática você irá acostumar a pensar em um ponto de vista fora do seu. Imagine, por exemplo, um DeLorean voador parado na porta da sua casa. Dele saiu um velho cientista despenteado, usando roupas coloridas e engraçadas e dizendo: "seus filhos precisam de você no futuro!" Qual seria a sua reação? Você iria "de volta para o futuro"? Pense também como aquele seu colega de trabalho estressado reagiria; como o seu pai, que é durão ou calado reagiria? Sua tia de 66 anos que vive numa paróquia? Seu primo adolescente que não sai da frente da TV ou vídeo game? Como uma pessoa simplória ou uma intelectual reagiria? Dá para brincar com muitas possibilidades, não?

Comece se perguntando: quem seu personagem é? Viciado em drogas, alcoólatra, machista, estressado, desorganizado, preguiçoso? Amoroso, inseguro, invejoso? Como ele reagiria se tivesse apenas essa "chave" para "destrancar" uma situação problema, inesperada?

Que tal um exemplo prático?

A cena é um diálogo entre esposa e esposo. **A marca na alma da mulher será a inveja.** Porém, antes de seguirmos para o exemplo em si, que tal ponderarmos algumas coisas sobre essa característica. Fazer isso ajuda a pensar fora da caixa!

**Inveja** (substantivo feminino): sentimento de cobiça diante da felicidade, superioridade, de outra pessoa: a inveja se dirige a alguém. Sensação ou vontade indomável de possuir o que pertence a outra pessoa. O invejoso clássico deseja ter o que o outro tem e sente uma alegria inconfessável de ver o outro se dando mal (é mais “forte” do que ele). Outra coisa importante a destacar é: querer o que é do outro não necessariamente implica em alguém mau, perverso. (doido, não é?) Por um lado, quer que o outro se dê mal, mas no fundo pode não ser uma pessoa ruim. Isso vai depender das atitudes tomadas a partir do que se sente. Por exemplo, imagine a inveja de uma mulher



que não poder gerar seu filho quando vê outra mulher grávida. Considere o sofrimento dela sem julgamentos e trabalhe o drama.

Seu personagem pode ser invejoso e ainda assim isso ser bom? Claro! Se essa inveja o motivar a ampliar a produtividade, o incentivar a se esforçar mais, com certeza será uma linha diferente na construção narrativa.

Agora que falamos um pouco de inveja, o exemplo de cena:

Uma família está tomando café na cozinha de casa num sábado pela manhã. O marido comenta ao ler o jornal que o vizinho ao lado comprou um carro novo. A esposa (**invejosa**) dispara:

*– E como ele vai pagar esse carro se estava desempregado até mês passado?*

*– Acho que ele arrumou emprego – o marido responde sem dar muita atenção.*

*Mas ela insiste:*

*– Nossa, acabou de voltar a trabalhar e já se enfia em um financiamento. Que coragem, hein? Aposto que esqueceu que carro novo gera IPVA alto e seguro.*

*– Não sei, querida. Mas acho que se ele comprou, tem condições de manter.*

*– Tem nada – ela rebate. – Quando compramos o nosso, nós dois estávamos empregados e mesmo assim ficamos endividados. Já esqueceu?*

Observe as falas da esposa. Pegou como funciona?

Não explique ao seu leitor as reações do personagem. Por exemplo: fulano é preguiçoso. Em lugar, mostre a característica por meio de situações que a tornem evidente. Para concluir (e espero, ajudar), vou explorar a mesma cena com dois comportamentos diferentes da inveja, comuns no dia-a-dia. Vamos comigo?

## Segunda versão do diálogo: a esposa é amorosa

**Amoroso** (adjetivo): que sente amor; terno, carinhoso, meigo. Propenso ao amor; que tende para o amor: gênio amoroso. Que é suave, macio; brando: clima amoroso. Que demonstra afeto. O personagem amoroso não é necessariamente uma pessoa boba (essa visão, se existir, é sua e não do personagem). Por isso mesmo, não o apresente demasiadamente ingênuo ou frágil. Inclusive, por exemplo, se a fragilidade for a marca de seu personagem, ele não deve ser caracterizado como amoroso e sim como frágil.

Ser amoroso e ter gestos de carinho físicos faz todo sentido, porém, o amoroso possui a percepção aguçada para entender que o ato é para o outro. O amoroso pode gerar tanta empatia ou simpatia que pode fazer alguém se apaixonar por ele sem perceber. Note a oportunidade de construção narrativa. Mas,



*Mais amorosa e altruísta do que a mãe de Kevin, Norma Arnold (Alley Mills), só mesmo a Madre Tereza de Calcutá. (Série: Anos Incríveis)*

não podemos esquecer, e isso é algo muito importante, que o personagem amoroso pode ser tão amoroso, mas tão amoroso, a ponto de desenvolver uma forte dependência, ou mesmo obsessão por outra pessoa (personagem de Annie Wilkes de “Misery” - Stephen King, de novo).

De volta à família tomando café na cozinha de casa num sábado pela manhã:

*O marido diz ao ler o jornal que o vizinho ao lado comprou um carro novo. A esposa (**amorosa**), comenta:*

*– Isso é ótimo. Eles estavam mesmo precisando de um carro por causa das crianças que estudam longe – diz a esposa.*

*– Mas ele estava desempregado há pouco tempo. Será que já tem condições de pagar um carro? – o marido parece curioso.*

*– Eles são muito sensatos e tenho certeza que avaliaram bem esta decisão.*

*– Só sei que a gasolina está bem cara – diz virando a página do jornal.*

*– Não tem problema, querido. Você pode dizer a ele o endereço daquele posto onde sempre abastece. Ele é bem mais barato.*

Percebeu a diferença? Notou como a abordagem da esposa ao mesmo fato muda? Que tal praticar mais uma vez em outro comportamento marcante?

## **Terceira versão do diálogo: a esposa é insegura**

**Insegurança** (substantivo feminino): condição, particularidade ou característica do que é sem segurança. Acometimento por um sentimento de desamparo; sensação de não se estar seguro e/ou protegido. Falta de convicção em si próprio. É da natureza do ser humano o desejo de se sentir amado, aceito. Quando isso não acontece, ou não se nota que acontece, surge a insegurança. O inseguro tem medo de arriscar, de se lançar em algo, e muitas vezes é “bonzinho” para poder ser aceito pelos outros. De antemão imagina o que de ruim o espera, mesmo que nada tenha acontecido. Costuma ainda ter dificuldade em justificar as próprias decisões sem se valer de uma desculpa. Exemplo: ao receber um elogio sobre a roupa que está usando, o inseguro(a) automaticamente diz que a comprou em uma promoção.



*Ally (Lady Gaga) tem muito talento para compor e cantar, mas sua personalidade insegura se torna seu maior obstáculo. (Filme: Nasce uma estrela)*

Quando a insegurança “cruza a linha” e traz à tona o lado sombrio do comportamento, o personagem inseguro se torna obsessivo (com mania de perseguição; sempre acha que estão falando dele, o apontando ou tramando contra ele). Ainda envolto a esse lado sombrio o personagem inseguro

constrói histórias que nem sabe se vão acontecer. Ele torna tudo como “fato consumado” e não possibilidades que podem ser mudadas.

Voltando à família tomando café na cozinha de casa num sábado pela manhã.

*O marido conta ao ler o jornal que o vizinho ao lado comprou um carro novo. A esposa (**insegura**), comenta:*

*– Nós não teríamos como trocar de carro agora. Acho que nem no próximo ano.*

*– Mas por que, não? Você mudou de emprego; eu fui promovido. Nós estamos melhor financeiramente falando.*

*– Mesmo assim, querido. E se eu perder o emprego mês que vem? E se um de nossos filhos ficar doente?*

– *Querida, essas coisas acontecem sem aviso. Mas é preciso arriscar às vezes, você não acha?*

*Ela balança a cabeça por alguns instantes, antes de responder.*

– *Ter um carro novo seria bom... se for um desses mais modernos todos os nossos amigos e vizinhos vão ficar admirados. Talvez queiram até dar uma volta. Mas não sei, não, querido. Pensando bem... e se acharem que estamos esbanjando dinheiro? O que podem pensar de nós?*

Então, imagino que você tenha percebido como o mesmo diálogo pode acontecer de formas diferentes dependendo da “marca na alma” do personagem que fala. Note que, em todos os três casos, o marido faz um papel de contraste para reforçar ainda mais a característica da mulher.

Ufa!!!

Concluo esse guia te dizendo que: caracterizar seu personagem nada mais é do que criar para ele um comportamento que seja fácil de ser reconhecido e predomine sobre as demais características de sua personalidade. Isso não significa que a pessoa é só isso! Lembre-se de ficar entre o “bem e o mau”, de trabalhar no personagem traços que o fazem próximo de uma pessoa real. Pois, por mais que você use uma “marca na alma”, a pessoa imaginada jamais deverá se limitar a ser uma caricatura daquilo que você escolheu para evidenciar em seu comportamento. Por fim, vale lembrar que o público busca identificação com o seu personagem. Ele quer sorrir e chorar; sentir raiva ou afeto; desejar ou repudiar, torcer para que ele vença ou quebre a cara!



# Mag Brusarosco